

No meio da carreira, a hora de refletir e mudar de rumo

Maria Lucia Pettinelli

Se não bastasse a crise existencial dos 40, a chamada crise da meia carreira vem dando o que falar e pensar. Os estudiosos dizem que as duas coincidem porque fazem parte dos ciclos da vida. O fato é que, por volta do início da quarta década de existência, muita coisa já foi conquistada, já existe uma maturidade profissional, a família está organizada. Começa então a surgir uma consciência de que somos finitos, período em que abandonamos a ansiedade do ter para vislumbrar a possibilidade do ser. Em geral, os grandes legados pessoais são construídos a partir daí e a história está recheada de exemplos nesse sentido.

Ao invés do material, o apelo ao resgate do significado começa a tomar forma e a nos assombrar com perguntas incômodas: "O que eu quero fazer no restante da vida? Ou, o que ainda preciso investir para me sentir feliz e realizado?" É o momento em que a reflexão pode ser estratégica para uma revisão da trajetória profissional, podendo representar uma oportunidade valiosa para um coaching de carreira e para "acordar", isto é, se soubermos aproveitar a ocasião.

Sim, é isso mesmo, acordar. Além de dormirmos um terço de nosso tempo, passamos uma boa parte dele, sonâmbulos. Isso porque, na grande maioria dos casos, a escolha profissional foi feita quando a pessoa não tinha maturidade e deixou-se levar pela tradição familiar, pela onda da maioria ou por alguma pesquisa sobre tendências que apontava um determinado caminho como "a" melhor perspectiva de mercado. Mas de repente, estamos atravessando o corredor da empresa - aquele mesmo pelo qual passamos há mais de 10 anos- e somos atingidos pela seguinte questão: por que não me sinto mais atraído pelo que faço?

Muitas surpresas podem surgir ao levantar os porquês. Às vezes, trata-se apenas de realizar ajustes para reafirmar a trajetória e a vocação, ou mudar de área dentro de uma mesma empresa, coisa que têm ocorrido com muita frequência já que a figura do generalista tem sido cada vez mais estimulada pelas direções. Quando a mudança tende a ser drástica, no entanto, torna-se necessário um novo realinhamento de valores, interesses e motivadores; e é natural que o processo cause um certo temor na medida em que será necessário avaliar os eventuais impactos que as mudanças poderão causar sobre a família, o chefe, os amigos, considerando-se inclusive possíveis estragos.

Dizem que nos momentos de perigo, é sempre bom ter uma lanterna à mão. Neste caso, o objetivo é criar um largo feixe de luz, que como um farol, irá iluminar uma série de possibilidades e apontar as correções necessários entre o que somos e o que fazemos, razão pela qual nos sentimos fora de prumo. O ideal é começar por boa vistoria no baú da memória, de forma que talento e competências sejam reavaliados e ao final da "faxina", tenhamos guardado apenas o que irá nos ajudar a construir essa nova fase onde as coisas intangíveis ganharam mais valor. Em seguida é bom olhar para o mercado.

Além disso, um bom planejamento auxilia o entendimento dos passos necessários e, sobretudo, de onde pisar. A prática é imprescindível visto que não cabem mais soluções superficiais ou pragmáticas. Partir para a ação significa adquirir conhecimento sobre o ramo pretendido, começar a traçar os caminhos ou atalhos que o levarão a envolver-se no ambiente almejado e a mexer-se na direção do seu alvo, enxergando cada vez com mais nitidez. Não importa o ritmo. Quanto mais você anda mais terá a chance de diminuir o fosso que tornou a realidade externa tão diferente daquela interna que, por enquanto, só você vislumbra.

Os percalços podem ser inúmeros e o risco de "travar" não está totalmente descartado, afinal o desconhecido sempre exercerá um forte poder sobre nós. Em geral, o maior "inimigo" não está na empresa, no outro, na falta de sorte. A única chave contra uma possível auto-sabotagem é reconhecermos que temos que ser o agente da mudança para permitir que o mundo responda aos nossos movimentos. É que o querer também demanda um comprometimento que talvez ainda não tenha sido experimentado em toda a vida, de verdade.

Este processo, que pode resultar numa nova identidade profissional, exige coragem e determinação, principalmente na hora de cruzar os fios que vão tecer uma nova teia. Nem sempre será possível interromper uma identidade e começar a construir outra. Em geral, as coisas acontecem simultaneamente, quase que em realidades paralelas. E um dia, assim, sem mais nem menos, nos daremos conta de estarmos preenchendo a ficha de um hotel com o nome da nova profissão que escolhemos.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 12 mai. 2008, Eu & Carreira, p. D10

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.